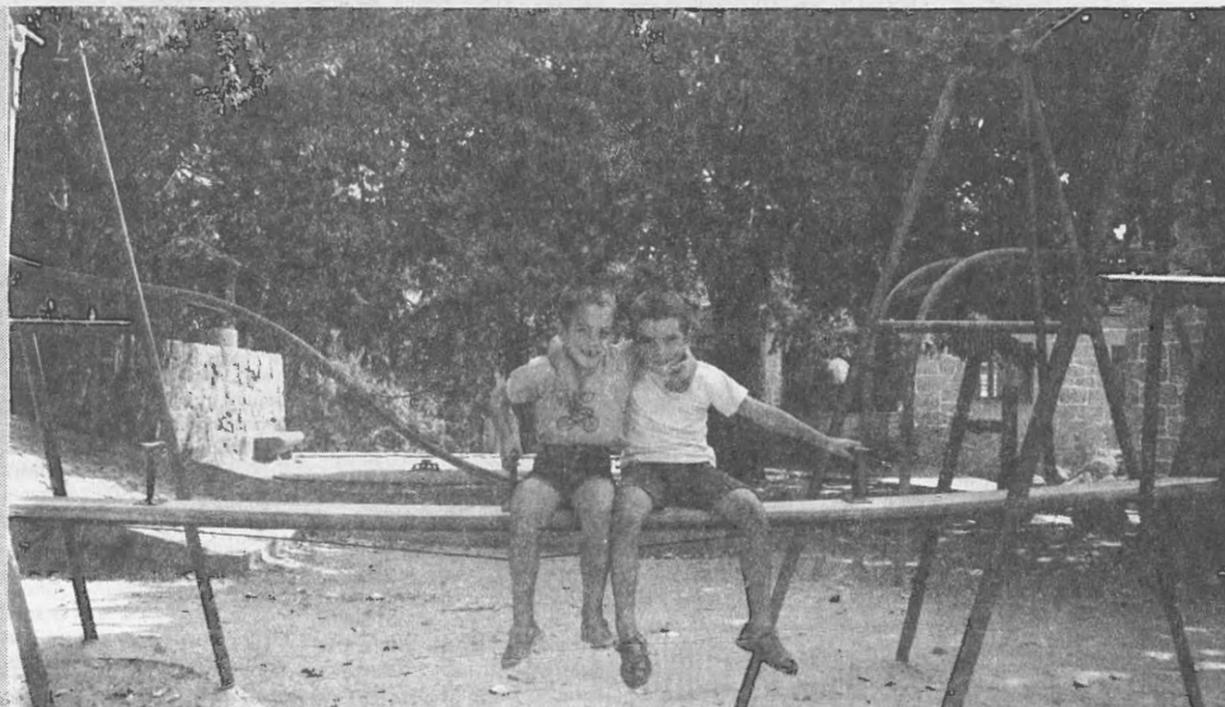


*Eu sou aquela voz
que se levanta
em Portugal
a favor das imensas
legiões de pequeninos
que vagueiam
abandonados
pelas ruas e caminhos,
sem família, sem amigos.
Herdeiros forçados
da miséria social.
Fiadores da Humanidade.
Património da Nação.
Sou a voz que se levanta.
Trago o ramo de oliveira,
que não a bandeira negra
das revoluções de sangue.*

PAI AMÉRICO



Comissões de Protecção de Menores

• Retrato sumário

Tendo sido a comarca de Penafiel a escolhida para instalação da primeira Comissão de Protecção de Menores, a estender a todas as comarcas do País; e sendo-nos tão caro tudo quanto se faça para verdadeira e eficazmente os proteger — não podemos calar a notícia deste projecto que queremos acreditar seja fundado na recta intenção de melhorar uma actualização que, facto reconhecido, não tem funcionado bem. Por isso a saudamos como uma boa notícia.

O processo que aqui conduziu, começou em 1978 quando da revisão da Organização Tutelar de Menores e passa por «uma primeira experiência de protecção dos menores por via administrativa» confiada, desde então, aos Centros de Observação e Acção Social (COAS), aos quais «compete decidir da aplicação de medidas de protecção e acompanhar a sua execução».

A acção dos COAS restringe-se às áreas de jurisdição dos Tribunais de Menores junto de que funcionam e «visa a protecção de menores de 12 anos

Continua na página 4

Ecoss d'África

Apelo urgente dum povo a suplicar a libertação da miséria imerecida

A Obra da Rua não procura caminhos fáceis para andar. Quer, tão só, descobrir o seu caminho em cada momento da sua história e entrar nele com a segurança do pequenino que se deixa levar pela mão do pai ou da mãe. Pode não saber até onde vai nem tão pouco as dificuldades que encontrará, mas confia em quem a conduz.

Foi na festa do Santíssimo Nome de Jesus que a Obra da Rua começou a dar os primeiros passos. Daí para cá, já lá vão mais de cinquenta anos, a força que brota desse Nome segura-a e impeliu-a por veredas que ia conhecendo à medida que caminhava. Pai Américo fez a experiência e deixou a bússola para os seus continuadores.

O projecto de África aparece nesta hora como o caminho, creio, donde emerge o apelo urgente dum povo a suplicar a cura, a libertação da miséria imerecida em que se vê prostrado.

Naquele tempo, a fé de Pedro conduziu-o pelo caminho que o levou ao encontro do coxo de nascença, sem que o soubesse antes. E curou-o em nome do Senhor Jesus. Quem nos dera a fé de Pedro! Não teríamos medo de caminhar, antes nos deixaríamos levar tranquilamente por Aquele que é o Timoteu e Senhor da Obra da Rua.

Há dias, fomos a casa dum Senhor Bispo a dar-lhe conta do que pensámos e decidimos. A resposta foi entusiástica e sem reservas: — *Não hesitem!* E muito mais nos disse. Ele conhece bem as limitações que nos afligem.

Mas não é só a palavra da Igreja que nos anima. São também os leitores d'O GAIATO, perdidos em

muitos cantinhos do nosso Portugal:

«Foi com muita alegria que li no *Famoso* a notícia do reerguer das Casas de Angola e Moçambique. Fazia já tenção de passar a contribuir mensalmente com uma migalha do que ganho para a Obra da Rua. Agora que sei que Padre José Maria voltou para Moçambique, minha

terra de nascimento, lembrei-me de canalizar a minha ajuda para lá.»

Mais: «Foi com forte emoção que tomei conhecimento que de novo iam abrir as Casas do Gaiato em Angola e Moçambique. Louvo a vossa coragem e o vosso zelo apostólico. Sempre me preocupou a fome e a miséria daqueles povos, mas como chegar lá? Problema resolvido. Junto um cheque do valor que economizei durante as minhas férias renunciando a todo o supérfluo, para que o destinem a essas Casas de África, conforme entenderem melhor. Fico feliz por poder colaborar mais uma vez convosco nesta iniciativa. Que Deus vos acompanhe.»

Não queremos construir em vão. É com o esforço de muitos, com o amor sacrificado de quem sofre pela causa dos que não têm nada, que os alicerces duma Obra garantem a continuidade do edifício. Renunciar a todo o supérfluo é o primeiro passo. Depois, o segundo: o óbulo da viúva mereceu referência especial porque deu do que lhe fazia falta.

«Escrevo para vos enviar este cheque. É pouco mas, para já, é de quanto posso dispor! Quero

Continua na página 4

PARTILHANDO

Silêncio de montanhas à luz trémula da primeira estrela!

Mãe Rosa cavou suas mibangas à beira da grande fazenda com pomares. Nas horas mortas tira uma laranja e saboreia na sombra o sumo do fruto proibido. Ela não sabe plantar, pulverizar, nem tem um canto próprio para o «seu pé de laranja».

A lei proclama: «A terra é de quem a trabalha». Mãe Rosa não tendo um título legal de posse da sua lavra, continuará a ser empurrada pela multinacional, pelo

mais esperto, pela companhia influente e pelo que tem mais dinheiro.

Ela continuará nas beiras, limites dos espaços — sem o canto para o «seu pé de laranja».

As mibangas que cavou, de tão tortas, ficaram graciosas. No seu tempo arrancará a mandioca. No pilão ficará fuba branquinha que ela cozinhará. No molho, a mengueleca das folhas mais tenras.

Silêncio de montanhas à luz trémula da primeira estrela!

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

• A mulher é daqui natural e reside na *fronteira* de freguesia vizinha. A mãe também, com doença incurável há muitos anos, à qual prestamos o apoio possível. Tem três filhos: um de sete, outro de seis anos, mais outra de três meses. Crianças adoráveis!

Estava com o bebé ao colo. Limpinho. Ela foi sempre muito arranjadinha. Mas a criança chorava, chorava!

— *A menina berra com fome...*

As lágrimas soltam-se nos olhos maternos!

— *Não tenho comido o suficiente... e a menina é que sofre!*

Conversámos. Muito! Precisamos de nos inteirar dos problemas, sem forçar a nota para que tudo seja natural.

Vem então ao cima o porquê da miséria: Em tempos, o marido emigrou, regressando traumatizado dum país beligerante. Ainda recorreu, por isso, à Justiça do Trabalho, mas não lhe deram provimento.

O homem, apesar da precária saúde, passou a biscateiro de tralha para aguentar o barco.

— *O maior problema dele é a cabeça... Mete-se na cama e começa a chorar. Tem crises. Perdeu o cheiro. Sofre duma úlcera no estômago!*

E continua:

— *Já sabem que sou muito envergonhada! Q'ando era da minha mãe, muito me custava pedir! O pior são os meus cachopos...! Tão pequeninos, só me dão possibilidade de trabalhar alguns dias por mês. Passamos muitas dificuldades!*

Ficamos por aqui... A partir daquele dia a arca da cozinha ficou suprida. O lume, mais vivo. A mesa com o pão de cada dia. Decerto, com leite para a menina — que chorava por não ter quê no peito da mãe.

PARTILHA — Um cheque do assinante 4297, de Ovar, «para os Pobres da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa, destinado aos mais necessitados e envergonhados». O Senhor registou a sua intenção.

Remessa mensal do assinante 17258, de Baguim do Monte (Rio Tinto), para uma viúva. «Pequena migalhinha» da assinante 32928, de Lisboa, com um voto generalizado: «O Bom Jesus vos dê as forças de que

tanto necessitais para levar a bom porto a obra maravilhosa que o Padre Américo nos legou».

Presença habitual da assinante 5963, de Paços de Arcos, «partilha de Junho/Julho para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus de Paço de Sousa». Há quantos anos!! Mais outra, com a mesma perseverança, a assinante 31104, traz a «contribuição para socorrer quem precisa materialmente porque moralmente sofre muito. Peço que rezem por mim». O poder da Oração!

Mais um cheque, «e um grande abraço», que retribuimos, «da avó dos cinco netinhos» que reside em Setúbal. «Pequena gota», de Algés (Lisboa), «para minorar um tudo nada a 'sede' de meios das pessoas referidas nos recortes, que anexo, d'O GAIATO!» A sua humildade é tão grande que dispensa «qualquer referência no jornal!»

Fechamos a precissão com a vivência da assinante 23778: «O GAIATO é o único jornal que leio de fio a pavio e, por vezes, releio. O Famoso não é leitura, é Vida, a Vida que nos toca cá dentro, no mais fundo da nossa alma. Quem dera que todos os portugueses, e não só, o lessem. Que Jesus toque o coração de nós todos à conversão verdadeira, são os meus sinceros votos». E acrescenta: «Trago-vos uma pequenina ajuda (trinta contos) para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

VINDIMA — Aqui, na Casa do Gaiato, vindimam-se os últimos cachos de uvas das densas ramadas. Pelos vistos, este ano, temos uma boa colheita!

MUDANÇAS — No dia 7 houve rapazes que mudaram de ocupações, como é habitual nesta altura. Para alguns é um passo importante para as suas vidas — pois escolheram as suas profissões.

CARAS NOVAS — Chegaram mais!

É o começo de uma nova vida que lhes vai abrir novos horizontes e a possibilidade de, futuramente, virem a ser úteis à sociedade. Paulo Alexandre («Rambo»)

DESPORTO — O Torneio das Vindimas tem sido muito animado.

O nosso plantel de juvenis ficou apurado para a final, tendo vencido e convencido a equipa

do Assento por 2-1. Mas o resultado não corresponde ao nível exibicional da nossa equipa. Segue-se o grupo do Cavadas, na final. Esperamos que ganhe o melhor conjunto e que sejamos nós.

No atletismo, houve um apuramento arrasador nos 200 metros.

Agora, foi a final, duas vitórias que deixaram a pensar muitas equipas em relação ao futuro.

No dia 29 de Setembro, o nosso grupo sénior fez o primeiro jogo da época, de frente a uma equipa de Recarei. Um jogo bem disputado, notando-se ainda alguma falta de entrosamento dos nossos jogadores. No final levámos de vencida o plantel de Recarei por um expressivo 6-2.

Repórter x

MIRANDA DO CORVO

COLHEITAS — A malta tem andado muito ocupada com as colheitas, pois o Inverno está a chegar e as chuvas poderão estragar tudo.

Assim, um grupo apanhou toda a fruta (maças, pêras, etc.) dos pomares.

Os mais pequenos trepavam às árvores com baldes e colhiam maçãs; outros, apanhavam as que caíam no chão. O Manelzito não parava de despachar carradas de fruta com o tractor!

As maçãs foram muito bem estendidas nos sótãos para amadurecerem e, depois, serem servidas às refeições. Trabalharam com grande entusiasmo, pois qualquer um gosta de colher um bom fruto!

Além dos nossos pomares, ainda colhemos no do Padre Peixoto que, todos anos, nos dá fruta. Um dia de muito trabalho.

pois as macieiras estavam carregadinhas. Foram quatro carradas.

VINDIMA — É sempre um dia muito esperado, cá em nossa Casa! Todos gostam de provar as uvas com tão bom aspecto.

A moscatel é servida à mesa e saboreada com muito agrado. Quanto às outras, seguiram para a adega. O Maria ficou encarregado do vinho. Preparou tudo e, no fim, vendeu quase 400 litros, mais 40 litros de aguardente.

ESCOLAS — Finalmente, começaram as aulas para os estudantes de Coimbra, embora com 15 dias de atraso, devido a obras no Colégio que frequentamos.

A malta está entusiasmada com mais um ano escolar.

CARAS NOVAS — Nos últimos dias entraram para a nossa família muitas caras novas: O Nuno, o Paulo e o João, todos irmãos, de Elvas. Mais três irmãos da Amadora: O Curcino, o Jaime e o Martinho. Esperamos que se sintam bem connosco.

JARDINS — A nossa Casa ficou mais bonita com a construção de dois jardins. Um, ao lado da serralharia; outro, ao lado da tipografia. Agora há que regá-los para que não sequem.

Dão bom aspecto àqueles dois terrenos abandonados. Flores à volta das oficinas onde os nossos rapazes aprendem a trabalhar.

João Paulito

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Sempre que nos toca a vez de escrever a crónica, sentimo-nos um pouco preocupados, porque

temos sempre tanto para contar. Mas vamos tentar resumir a nossa visita aos irmãos mais carenciados.

É muito difícil tentar animar os que visitamos para continuarem a estudar. Arranjamos os livros e tudo o mais, mas dizem que não querem continuar. Terminam a 4ª classe com muita dificuldade e arranjam logo emprego. O motivo que os leva a trabalhar tão cedo é que, neste caso, a mãe ganha pouco, não chega para se alimentarem e pensam que com o seu trabalho podem melhorar um pouco mais. É triste, mas a verdade é que se os pais ganhassem o suficiente para sustentarem os filhos, não havia tanto trabalho infantil.

Infelizmente, a nossa sociedade está assim constituída. O que lhes vale é que vão tendo o nosso apoio material e moral. A força que nós sentimos dentro de nós é que vamos tendo fé que o nosso querido Pai Américo nunca nos abandona.

Passamos a transcrever os donativos recebidos dos nossos Amigos: M. M., 2.000\$00; com um abraço de M. Belém Soares, 1.000\$00; Anónima, 4184, 2.000\$00; uma mãe, de Lisboa, que diz para não perdemos a coragem, 10.000\$00; Póvoa de Varzim, 3.000\$00 com umas gotinhas de amor pelos mais necessitados; Amiga, da Holanda, palavras encorajadoras e 7.000\$00; Helena, pensionista de 66 anos, 5.000\$00; assinante 16666, 20.000\$00, sendo esta importância do subsídio férias. Boa amiga, Deus nunca se esquece dos seus filhos. Assinante 5917: é com grande alegria que recebemos a sua carta e nela menciona quanto nos

quer bem para não ficarmos pelo caminho. Nós temos muita necessidade de receber tónicos como este! Recebemos os 20.000\$00. O reforço fica inteiramente ao seu critério, porque temos muita fé em Deus e Ele vai batendo nos corações dos nossos Amigos para podermos atender os irmãos mais necessitados. Anónima, 3.200\$00; Lídia, 5.000\$00; Cacia, 2.000\$00; Amiga, de Lindo Vale (Porto), mobílias e roupa de cama; 5.000\$00 dum assinante com mensagem muito bela: «Coragem vicentinos!... Há tanta gente sofrendo consigo as vossas dificuldades!... Rezo para que o Senhor lhes dê sempre forças para continuarem essa caminhada, às vezes tão difícil de percorrer... Valeis tanto quando souberes reagir, depois de um fracasso». De graça obtida por Deus, 4.000\$00 de Maria Alice; Bartolomeu, 2.500\$00; Anónima, 5.000\$00; 10.000\$00, de José Almeida; assinante 29756, 5.000\$00; Monte Gordo, 50.000\$00; assinante 14599, 10.000\$00; J. R. D., 1.600\$00; Reformada, 1.000\$00; Anónima, 2.000\$00; Alice Ferreira, 3.000\$00; vale, de 5.000\$00; Maria Joana, de Setúbal, 5.000\$00; casal reformado, de Viana do Castelo, 5.000\$00. Amiga que enviou fotocópia da crónica sobre o preso, em Paços de Ferreira, 5.000\$00. Estamos a tentar resolver a sua situação. Agora, a mãe poderá visitá-lo todas as semanas, graças a vós todos. O apelo foi ouvido. Em nome de todos os nossos irmãos carenciados, bem hajam, e Deus abençoe os vossos lares e famílias.

Casal vicentino

Recordando

Embora tenha sido um famoso «mendigo» em prol dos mais necessitados, Pai Américo foi também bastante exigente com os dos chamados «ricos», apontando a obrigação de distribuírem os excessos das suas riquezas pelos que nada têm.

Nos altares de igrejas, nos palcos de cinemas e através da rádio, muitas vezes ouvimos da sua boca duras críticas aos que se acomodavam no seu bem-estar, esquecendo o seu irmão mais desfavorecido.

Por isso, os «incomodados» chamaram-lhe muitos nomes... Hoje, infelizmente, a sensibilidade de distribuírem os excessos das suas riquezas pelos que precisam. Hoje, infelizmente, ainda temos muitos portugueses que não têm habitação digna de seres humanos, muitas crianças abandonadas sem carinho e amparo que os prepare para o futuro, muitos velhinhos e doentes sem um lar que os proteja e prepare para os últimos dias da sua vida.

Que Pai Américo interceda junto do Pai Celeste para que seja dado um abanão forte nalguns corações adormecidos e os desperte para a realidade desta nossa rápida passagem pelo mundo.

Carlos Gonçalves



Após um ano de trabalho com pedra e mais pedra, terminou o calcetamento das ruas em nossa Casa do Gaiato de Santo Antão do Tojal (Loures).

Cooperativa de Habitação

Se o espaço permitisse, gostaríamos de transcrever a maior parte das cartas que nos são enviadas, verdadeiras mensagens de amor e solidariedade dos portugueses que estão a olhar o nosso empreendimento.

«Recebi, hoje, O GAIATO. E, como é habitual em mim, no dia seguinte, nos transportes colectivos que percorrem a cidade de Lisboa, onde passo uma grande parte do meu tempo de trabalho, leio-o e, normalmente, dou-o a outra pessoa para ler, pedindo a essa pessoa que faça o mesmo, pois que não deve ser inutilizado, mas divulgado». Este nosso amigo, de Damaia, junta 10.000\$00.

Maria e João, de Lisboa, 5.000\$00. Maria Costa, de Lisboa, escreve: «Com os sinceros votos de que a construção de habitações depressa cresça para alegria dos que as vierem possuir, envio 20.000\$00 para umas telhas».

«Sempre tive uma admiração muito especial pela vossa Obra; sempre gostei de ler O GAIATO, quando o adquiria ao domingo, à saída da Missa; no entanto, confesso que nunca me tinha apercebido de que, afinal, a Obra do Padre Américo é de todos, visto que os mais necessitados são, no fundo, resultado da nossa sociedade». Esta nossa Amiga, de Leiria, manda um cheque de 20.000\$00. Assinante 10062, de Lisboa, 50.000\$00 em sufrágio da alma do seu falecido marido. Não esqueçamos o seu pedido. Extremoz com 20.000\$00; Maria Odete, de Oeiras, 10.000\$00. Brás Martins, de Albergaria-a-Velha, 1.000\$00; através do Tojal, 30.000\$00; Rosalina, da Póvoa de Varzim, a habitual presença de 5.000\$00.

Do Manuel dos Santos, mais conhecido entre os antigos gaiatos pelo apelido de «Coco», recebemos uma carta: «Segue um cheque de 2.850\$00 de venda de selos usados que os tenho adquirido através da Casa do Gaiato de Paço de Sousa e de muitos Amigos que me entregam para realizar fundos para os Pobres. Desta vez calha à Cooperativa de Habitação. Juntem e guardem os selos usados e terão muitas telhas...»

Porque não uma campanha de selos usados para a Cooperativa?»

Os nossos leitores, interessados neste desafio, poderão enviar selos usados para Manuel dos Santos — Casa do Gaiato — Santo Antão do Tojal — 2670 Loures.

Que Deus vos pague.

Carlos Gonçalves



As moradias da Cooperativa terão muito ar e luz!

Partilhando

Continuação da página 1

Faz pena que o mundo civilizado tenha perdido o gosto das coisas pequenas

Maçaca 1 é a sanzala mais próxima do local da nossa futura Aldeia. Quase todos os habitantes vieram de longe impelidos pela guerra. As palhotas, umas de capim, outras de caniço são duma grande simplicidade. Tão parcos os haveres de cada um!

A palhota que serve de escola é a maior, mas esburacada. No chão térreo, algumas pedras que servem de bancos... Mais nada! A professora nem é oficial. Uma alma grande e dedicada que deixando os seus próprios afazeres e por grande amizade às crianças, se dedicou a elas!

Foi hoje — 22/9 — nesta escolinha, a nossa primeira Eucaristia para o Povo. Vieram 30 cristãos. Tão simples, sentados nas pedrinhas... Pequenos ao olhar do mundo, mas tão grandes e belos ao olhar do Pai! Falei da maravilha do nosso primeiro encontro e da esperança que temos de, em todos os domingos, estarmos juntos com o Senhor. Pedi que transmitissem aos outros cristãos esta novidade. Tudo simples!

Faz pena que o mundo civilizado e artificial tenha perdido o gosto das coisas pequenas e não lhes dê valor!

Vai nascer aqui o nosso primeiro projecto de obra — parecido a uma Escola-Creche. Padre José Maria está fazendo o risco.

Padre Telmo

Não cruzemos os braços!

• Andamos todos muito tristes. O nosso Lar de Coimbra foi assaltado mais duas vezes! Os assaltantes foram o Miguelito, o Spínola e companheiros deles. Assaltos de destruição e arrombamento de portas, comestíveis da despensa, desarrumação de toda a roupa da sala de costura, violação da caixa de correio, tudo remexido no quarto da senhora e escritório, uma autêntica porcaria nos quartos de banho.

Temos chamado as autoridades policiais. Vêm e anotam. Prendem-nos, mas queixam-se que o Juiz os manda soltar por serem menores. E pronto.

Na última vez ainda estavam dentro da nossa casa. O Miguelito, a dormir. Os agentes da polícia levaram-no, mas no dia seguinte já ele estava na discoteca, a gozar.

Dói-nos o coração com tudo isto. Vemos estes rapazes que criámos, a caminhar para a ruína. Não há autoridade que se lhes imponha. Sentem-se livres para fazer o que muito bem lhes apetece. Que pena!

Numa noite destas, dois dos nossos foram encontrar um grupo de cerca de vinte

Tribuna de Coimbra

rapazes e raparigas, a gozar a vida em brincadeira e droga e tudo o que lhes apetece. Estes dois assaltantes lá estavam também.

Que tristeza tudo isto nos faz! Deus nos ajude a não cruzarmos os braços. Por vezes, ficamos com a impressão de que os homens investidos em autoridade andam de braços cruzados.

O «Coco»

• Há pouco, encontrámos o «Coco» empoleirado numa floreira a remexer terra para o chão. Sorri e disse-lhe que a terra era para as flores. Ele desceu.

O «Coco» tem sete anos e trouxeram-no, recentemente. Nestes dias não tem parado em nossa Casa! Anda sempre nas ruas da vila. Vezes sem conta o têm vindo trazer, sempre com alguma coisa de

novo. Porque ainda é pequenino, todos o acarinhavam. Todos pensam que é fazer bem.

Não sei nada da história dele. Mas parece uma criança totalmente da rua. Diz que tem pai e já tem falado nele. É de Coimbra. Uma criança muito especial. Deus nos ajude a ajudar este mocito a sentir que esta poderá ser a sua família. Esperamos.

Labaredas...

• Pela televisão vi aquele orador a falar a muita gente: «Eles... estavam na praia a gozar férias e vocês a apagar os fogos». Achei certa graça a este discurso.

Não sei se este homem ajudou a apagar algum fogo. É possível que não. Os fogos são mais fáceis de atear do que apagá-los.

A nossa campanha eleitoral pareceu um grande fogo que queimou muita coisa. Fogo que muitos atearam.

Labaredas de ultrajes pessoais. Labaredas de mentira. Labaredas de vãs promessas. Labaredas de ataques violentos. Fogo, por vezes, difícil de apagar. Muitas vezes fica este fogo a consumir a vida das pessoas. Mais nada.

Padre Horácio

DOCTRINA



Não cesses de clamar!
Dos LIVROS SANTOS

• Eu não te quero pôr medo, nem ser chamado o Jeremias da nova Lei; mas nestas curtas semanas de guerra (II Guerra Mundial) já aprendi, na experiência de lágrimas, que os que não a fazem nem a querem são justamente quem mais sofre. Dantes não era assim; só dava e levava quem lá aparecia.

• O «está tudo a subir» é a palavra do dia, terrivelmente assustadora e verdadeira, que a gente pobre de Coimbra lança nos braços do pobre da Sopa. Faz o teu exame de consciência e propõe-te livrar-me da impertinência e da humilhação de pedir, dando por necessidade e por obrigação.

• A guerra, que aí está, é lição para todos e quem a não toma para si não compreende nada. Em vez de lançar culpas aos mais, cada um deve atribuí-las a si mesmo, perguntando-se silenciosamente quanto e como, reparando agora o mal que fez com o bem que deve fazer. Não é castigo de Deus, a guerra, e parece que sim. É antes um chamamento do Salvador à realidade da vida, pois que o mundo somente n'Ele e por Ele se salva; e, porque muito nos quer, usa meios violentos.

• Leitor do meu coração, eu quero que tu me vejas, hoje mais do que nunca, e que combatas o bom combate a par e à frente dos que trazem na mão o gládio da Justiça do Céu, que assim vences e salvas-te — a única coisa que neste mundo importa. Podemos viver e morrer em multidões, mas o salvar-se é obra de cada um, esforço pessoal, conquista própria — lágrimas que nos correm na face.

• Às escuras nada se realiza, nem tão pouco se toma de empréstimo, porque ninguém vê onde põe os pés nem conhece as pessoas com quem fala; nem os que têm podem dar! Caminhe pois cada um enquanto há luz, semeie enquanto é tempo. Luz que mostre a cada um a sua culpa no mal universal; sementeira que seja acto de reparação!

• Eu ando por esses cantos e calhas cheio de medo, porque Deus não olha nem julga segundo o que a gente faz, mas sim segundo o Dom que nos deu; e pode muito bem suceder que haja em qualquer de nós o erro de fazer render para si ou para o mundo aquele ou aqueles talentos que Deus confia, quando é certo que nem capital nem juros são nossos! Tudo d'Ele.

• Deus de infinita Justiça, que cada homem saiba ler a lição, tomando-a toda para si mesmo com as culpas próprias que nela encontra e que faça frutos de penitência antes de a noite chegar!

D. Amín. 5!

(Do livro Pão dos Pobres — 2º vol.)

Comissões de Protecção de Menores

Continuação da página 1

(...) em estados de delinquência ou paradelinquência».

Eis o estado da questão.

Ora: «Aceite, hoje, o princípio de que a problemática do menor negligenciado ou maltratado e também do que patenteia condutas desviantes exige uma intervenção interdisciplinar e interinstitucional, articulada e flexível, de base local»; e pensando-se que é necessário «dar resposta à sentida exigência de responsabilização de cada comunidade local pelas suas crianças e pelos seus jovens, em total respeito e colaboração com a família» — entendeu-se dever «retomar a ideia que presidiu inicialmente à criação das Comissões de Protecção», utilizando «as virtualidades do exercício do poder local».

Assim se chegou, segundo o preâmbulo do Decreto-Lei n.º 189/91 a que me reporto, às

Comissões de protecção comarcas que o referido diploma cria e cuja competência e funcionamento regula (art. 1.º).

O modelo escolhido para estas Comissões, porque «o que melhor parece adaptar-se à nossa realidade», alarga-lhes a competência para além dos 12 anos e das situações de delinquência ou paradelinquência, também para os casos de «maus tratos, de abandono ou de desamparo» de que os menores sejam vítimas e para as «situações susceptíveis de serem em perigo a sua saúde, segurança, educação ou moralidade». E comete à consciência dos comissionados «o poder-dever genérico de cooperar empenhadamente em todos os casos que se refiram a menores carecidos de protecção».

Estas Comissões são instituições oficiais não judiciárias dirigidas à prevenção ou remédio de situações susceptíveis de afectar a integridade física ou moral da criança ou

do jovem ou de pôr em risco a sua inserção na família e na comunidade. Têm composição plural e diversificada que lhes permite reunir e conjugar conhecimentos e serviços de entidades com responsabilidade no encaminhamento e protecção dos menores. E privilegiar medidas que possam ser executadas no seio da família ou da comunidade do menor. Assim lhes define a natureza o artigo 3.º do Decreto-Lei 189/91.

Gozam de autonomia funcional (art. 5.º). E, para cumprimento das suas atribuições, têm direito ao apoio das autoridades administrativas e policiais, bem como à colaboração ao alcance de qualquer pessoa para tal solicitada (art. 6.º). Tal como elas próprias devem colaborar com organismos públicos e privados em tudo que respeitar ao bem da criança e à prevenção de situações de risco ou de desadaptação que possam vir a afectá-las (art. 8.º).

Pertence-lhes a iniciativa de intervenção em todos os casos-problema que cheguem ao seu conhecimento, directamente ou por participação verbal ou escrita de qualquer pessoa, nomeadamente de autoridades escolares e policiais e de saúde que estão em posição privilegiada para os detectar e devem denunciá-los (art. 10.º).

A composição destas Comissões é vasta: dez elementos (art. 13.º) e os mais que cada uma entenda conveniente agregar ou a portaria ministerial que declara instalada a Comissão determine que dela façam parte (art. 14.º). Mas as deliberações são válidas com a presença do presidente e de três membros (art. 20.º).

Cremos ter dado um retrato sumário das Comissões de Protecção de Menores. Ficará para outra vez algumas reflexões sobre elas.

Padre Carlos

Continuação da página 1

também dizer o quanto me alegrou a notícia da abertura das vossas Casas em África, pois sinto uma predilecção grande por essa terra e esse povo.»

Quem pode medir e pensar o que damos? Só Aquele que vê o nosso coração.

«Tenho lido com muito interesse e emoção em O GAIATO as notícias d'África. O rebanho é grande, faminto de tudo e os pastores tão poucos! Tenho procurado subtrair o cheque mensal do supérfluo a que a sociedade de consumo quase nos impõe. À medida que vou conseguindo sinto-me mais leve, mais feliz, menos envergonhada perante aqueles a quem chamamos irmãos mas a quem tão pouco fazemos.»

Estas verdades só se entendem pela experiência. Quem não se decide jamais aprenderá. «Menos envergonhada...»

Vamos dando conta de que O GAIATO é o elo de ligação entre pessoas que se amam e não se conhecem: «Envio esta quantia, minha e de duas pessoas amigas para empregarem no que for mais necessário. Ao ler O GAIATO penso nos nossos irmãos de Moçambique e Angola.»

Quem dera que as Casas do Gaiato não fossem precisas!

Outra: «Aproveito a oportunidade para comunicar que foi com muita alegria que tomei conhecimento do regresso da Obra da Rua a Angola e Moçambique. Eu penso que lá como cá os homens deviam saber comportar-se de modo que não fossem precisas Casas do Gaiato. Mas, infelizmente, apesar de tantas palavras de circunstância, continuam a ser precisas. Bem hajam os responsáveis por esta maravilhosa dádiva de Amor. É o amor a produzir frutos!»

Ecos d'África

Apelo urgente dum povo a suplicar a libertação da miséria imerecida

Não sabemos dizer melhor. Quem dera que as Casas do Gaiato não fossem precisas! Que as famílias assumissem a sua responsabilidade para com os filhos! É na raiz que está o mal.

Quando, há tempos, uma jovem mãe veio trazer-nos os seus dois filhos, falámos tão a sério no perigo em que podia cair, ficando só, que não resistiu e voltou a levá-los. Sofremos com a incerteza do futuro dos pequenos, se em casa não houver apoio oportuno, mas conforta-nos a esperança de que um mal maior chegue à raiz. Quem sabe?

«A leitura de O GAIATO ajuda-nos a estar mais em contacto com o mundo em que vivemos. Agora que a Obra do Padre Américo está de regresso a Angola e Moçambique todos nos devemos alegrar com as crianças a quem a Obra se dirige. Para ajudar a reconstruir uma janela na Aldeia de Malanje, enviamos hoje um vale postal.»

A delicadeza da oferta desce ao pormenor. É um problema que se resolve. Grande ou pequeno, não importa.

O sentir em comum sobe de tom quando abrimos esta carta e demos com a riqueza da sua mensagem: «Quanto me alegro com o vosso regresso a Angola e Moçambique, porque a vossa presença vai ajudar a reconstrução desses povos tão duramente provados. Bem hajam! Admiro a generosidade e a coragem da vossa decisão. Tão poucos padres para uma Obra de tão grandes e variadas actividades na formação humana dos mais pobres da nossa Pátria e repartem com outros que precisam ainda mais! Deus vos abençoe!»

Queremos ser pequenos e ter a confiança das crianças

Queremos ser pequenos e ter a confiança das crianças. «Tão poucos padres...» Está aqui a nossa grande aflição. Só o Pai do Céu nos pode valer. Confiamos. Havemos de ir, em breve, por um ou outro Seminário a anunciar este projecto.

«Envio uma migalhinha tão pequenina que de pouco servirá, mas destina-se a uma das Casas do Gaiato que estais a restaurar em África, pois penso que a melhor forma de ajudar esses povos é amparar as suas crianças. Deste modo também satisfaço um pouco o apelo que sinto por África, desde os anos da minha juventude que lá passei.» Logo a seguir chegaram «80 pedrinhas que representam os meus 80 anos já feitos, para ajuda do restauro da Casa do Gaiato de Malanje, já que foi com comoção e alegria que acabei de ler a notícia e quero tomar parte no entusiasmo de todos». Acrescentar o quê? É melhor deixar o coração falar.

Pessoas amigas que passaram parte da sua vida em terras de África regressam agora, em pensamento e, emocionadas, recordam os momentos vividos nas Casas do Gaiato: «Li no vosso jornal que Padre José Maria voltou para Moçambique. Gostava de poder contribuir todos os meses com o que puder e já falei com colegas também, para a Obra que se vai agora pôr de novo de pé. Calculo a alegria de Padre José Maria. Agradecia que nos escrevessem a dizer como contactar com ele e como enviar as nossas humildes dádivas.»

A direcção é: Padre José Maria, C.P. 591 — Maputo. Não convém, de momento, enviar qualquer donativo directamente.

Outra grande amiga:

«Conheço muito bem esse mundo que também deixei. Conheço muito bem Benguela onde trabalhei e a nossa Casa do Gaiato aonde algumas vezes fui visitar e ver esse maravilhoso paraíso em que viviam felizes os pequeninos e jovens. E, nesta hora, em que se preparam para atravessar esse grande oceano em busca dos nossos irmãos de Angola e Moçambique, tudo é pouco para conseguirem superar tantas e tantas dificuldades com que irão deparar.» Do Funchal, um apaixonado fala assim: «Não consigo explicar o amor que tenho pelo Padre Américo. Foi um amor à primeira vista, irresistível, e que não volta atrás. Que grande martelada! Nesta hora decisiva em que a Obra da Rua rumará a África, desejo-vos as maiores felicidades. Estarei sempre do vosso lado neste cantinho do Atlântico. Amai evangelizando os Pobres e os filhos oprimidos pela miséria que encontrarão um novo lar nas Casas do Gaiato de Angola e de Moçambique.»

Sintonia com os sinais da história da Obra da Rua

Estamos em sintonia, afinal, com todos os que lêem os sinais que se nos apresentam neste momento da história da Obra da Rua. É o povo, em geral. É a Igreja. São as autoridades civis.

«Acabo de receber o nosso querido GAIATO e caí-me

debaixo dos olhos o pedido do Padre Telmo de colaboração dos Amigos para a Casa de Malanje. Hoje é um dia algo especial para mim — aniversário da morte da minha querida mãe. Por isso, resolvi assinalá-lo sufragando sua alma com uma pequena ajuda para esta nossa nova Casa.»

«Li e reli a vossa ida a África! Que' dizer? Que o Senhor seja glorificado e que a Sua misericórdia não nos falte!»

A simplicidade da linguagem esconde a riqueza da partilha

Andamos tão distraídos que muitos dos nossos trabalhos se dispersariam não fosse a rectguarda chamarmos à atenção para o sentido da nossa vida: «Que o Senhor seja glorificado.» Sem Ele não se constrói, perde-se tempo. Sem Ele não se junta, dispersa-se. De que havemos de ter medo com um apoio logístico tão atento?

«Sem dúvida que senti muita alegria ao ver de novo a Obra da Rua em Angola, onde nunca estive, mas sei que muito trabalhou. Venho, pela presente, remeter este cheque.»

Escondemos os números. A mensagem fala do valor do dom. O dinheiro é necessário, as pessoas estão em

primeiro lugar, entretanto.

A simplicidade da linguagem esconde a riqueza da partilha: «Votos de muita saúde, coragem e persistência na sua renovada caminhada de Malanje. Em memória de meus pais, avós e sogros, enviamos duas telhas para a ajuda do arranque.»

Mais: «Junto um cheque para parte duma porta ou janela da Casa de Malanje. Que Deus vos abençoe!» Logo a seguir: «Esta ajuda é para comprar algumas cadeiras para Malanje». «Tenho lido nos últimos números do jornal O GAIATO que a Obra vai regressar a Angola e Moçambique. Rezo para que tudo corra bem e consigam reconstruir as Aldeias quanto antes. É preciso muita coragem e amor para lá voltar, uma vez que ainda há tão pouca segurança. Por isso envio este cheque para dividir por Angola e Moçambique.»

Sim, a falta de paz em Moçambique é um pedregulho que tenta paralisar a vida. Padre José Maria e Padre Telmo escreveram a dizer que ainda não podem viver na fazenda que nos deram por falta de segurança. Voltam-se, pois, para o trabalho com o povo das aldeias próximas, à espera que a paz chegue. «Somos professores e aguardamos condições de intercâmbio com a África em paz onde possamos ajudar a construir um reino de Alegria e Justiça. Resolvemos contribuir para a reinserção da Obra em África. Estaremos atentos, activamente, às notícias do vosso regresso a Moçambique.»

Só a falta de segurança estorva o caminho normal. O entusiasmo e a doação abundam!

Padre Manuel António



Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm.: fotocamp. e imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Tel. (055) 752285 — Cont. 500788998 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239